Aceitação a passos lentos

O escaneamento de dedos e globos oculares se mostra promissor, mas ainda se trata de uma alternativa dispendiosa para a maioria das organizações

A biometria deveria estar no auge. A tecnologia atual identifica uma pessoa por meio das impressões digitais, do escaneamento ocular, da impressão do rosto ou da mão, ou de um padrão de voz. E a crescente ênfase quanto à segurança em meio ao receio de ataques terroristas, roubo de identidades e invasões de computadores deveria estar alimentando um enorme crescimento nas vendas dessas tecnologias.

Mas isso ainda não aconteceu. Algumas empresas e órgãos governamentais estão testando ou já implementaram recursos biométricos. No entanto, os céticos dizem que a tecnologia ainda é muito dispendiosa, não é totalmente garantida, pode ser difícil integrá-la com outros sistemas e exige modificações no modo como as pessoas trabalham. Isso pode explicar porque o interesse na biométrica não está aumentando como se esperava.

Na verdade, o apetite das empresas vem caindo: apenas 9% dos 300 executivos de tecnologia de negócios que participaram do estudo denominado Priorities 1Q 2003, com as prioridades para o primeiro trimestre de 2003, feito pela divisão de pesquisas de INFORMATIONWEEK-EUA, disseram que a implementação de biometria é fundamental para os negócios, em comparação com os 12% registrados no mesmo trimestre de 2002. No Brasil, o nível de utilização também é pequeno, atingindo cerca de 6% das grandes corporações.

Provavelmente esse interesse não começará a aumentar até que os sistemas de biométrica superem alguns obstáculos. Pesquisadores no Japão, no ano passado, demonstraram que podiam enganar os scanners de impressões digitais com dedos falsos feitos com materiais prontamente disponíveis. Mas o custo ainda é o maior problema. Um scanner de impressão digital pode custar 100 dólares – apesar de algumas iniciativas já terem feito o preço de certas fornecedoras cair a até 40 dólares –, e os scanners de geometria das mãos ou de globos oculares, mais sofisticados, custam muito além. Considerando a mais avançada dessas tecnologias – as ferramentas que, além de medir o relevo, por meio de pulso elétrico, ainda conferem a pulsação –, os custos tornam-se proibitivos.

Pelo preço ser ainda um fator que dificulta a expansão do uso, algumas fornecedoras começam a procurar formas de baratear a tecnologia. A Lintec Integrated Solutions, a ACG/Siemens e a Novell oferecem uma solução completa envolvendo desenvolvimento e customização, hardware e software que exige investimento, para um ponto, de mil dólares. Uma solução equivalente, pouco tempo atrás, não ficaria por menos de quatro mil dólares. Entre outros fatores, o preço foi possível, segundo o diretor de tecnologia da Lintec, Mario Montenegro, devido ao hardware ser trazido da fábrica européia da Siemens, que possui um volume de negócios maior. “Além disso, no Brasil, temos um modelo de desenvolvimento mais rápido, com custos menores”, acrescenta.

Nos patamares anteriores de preços, poucos negócios aconteciam. “Os clientes nem queriam conversar e os fornecedores tiveram de trabalhar com uma margem menor para fazer negócios”, conta Montenegro. Para o executivo, se a preocupação dos fornecedores de biometria em 2002 era em gerar a tecnologia, agora o grande desafio será criar a demanda. O custo de software está mais baixo e a tendência do hardware é também diminuir por conta de aumento do volume e da concorrência, o que pode ajudar. Embora as vendas da tecnologia biométrica apenas recentemente tenham atingido a casa dos 90 milhões de dólares, a empresa de pesquisas Frost & Sullivan prevê que o mercado atingirá os 2,1 bilhões de dólares em 2006.

Quem já instalou sistemas de biometria diz que eles valem seu preço, e os analistas acreditam que a tecnologia eventualmente conseguirá ampla implementação. Principalmente para controle de acesso a edifícios e a sistemas e redes de computadores, e também para reduzir a

dependência das senhas, que se provam em muitos casos uma proteção falha. Um grande fã da biometria é o vice-presidente de serviços de informação da Los Angeles Firemen's Credit Union (cooperativa de crédito dos bombeiros de Los Angeles), George Kings. No segundo trimestre do ano passado, a cooperativa de crédito gastou 40 mil dólares em um sistema de escaneamento de impressões digitais. Como resultado, os cerca de 90 funcionários não são mais obrigados a lembrar de até 10 senhas para acessar redes e aplicativos. "Tornamos isso realmente simples", fala Kings. Essa alternativa também eliminou muitas das chamadas para o setor de help desk solicitando redefinições de senhas, sendo que o preço de cada chamada, segundo os analistas, varia de 50 a 100 dólares.

Apesar dos benefícios, um estudo feito pela Forrester Research, nos Estados Unidos, descobriu que 58% das empresas não têm planos para experimentar a biometria. Apenas 1% já implementou esses sistemas, 3% têm algum projeto relativo em andamento, e 15% os estão testando. "A maioria das implementações foi feita em agências do governo e em empresas dedicadas à defesa", declara a analista Laura Koetzle. "No setor privado, estamos vendo algumas implementações na indústria farmacêutica e na de serviços financeiros e, em algum nível, na área de assistência à saúde", conta.

No Brasil, esses mesmos setores devem alavancar o uso da tecnologia. Dois grandes projetos do governo federal estão em fase embrionária, mas tendendo para a utilização de biometria. A Lintec Integrated Solutions presta consultoria para a adoção do reconhecimento biométrico nas digitais do Registro Geral de Pessoas Físicas, comumente conhecido como RG, que permitirá criar um banco de dados nacional, e também para os passaportes de cidadãos brasileiros, que são de pouca segurança e considerados facilmente falsificáveis. Um exemplo de uso avançado da tecnologia é o do governo australiano, que já reconhece donos de passaporte por meio da íris.

A U.S. Social Security Administration (administração de seguridade social dos Estados Unidos), no ínicio deste ano, começou a testar um sistema de impressão de voz para controlar o acesso a seu Web site de serviços on-line, onde os funcionários relatam informações sobre ganhos e retenções na fonte. O objetivo é reduzir o custo de enviar por correio senhas para os usuários do site. A administração processou 250 milhões de formulários no ano passado, e 100 milhões deles foram arquivados eletronicamente.

A agência está utilizando um sistema da Authentify que se conecta ao Web site e ao sistema de telefonia para fornecer autenticação em tempo real. Como a biometria da impressão de voz pode, algumas vezes, produzir falsos resultados positivos ou negativos quando celulares ou telefones diferentes são utilizados, o órgão também está utilizando o software Verifier 3.0, um sistema de autenticação de voz da Nuance Communications. "Até o momento, o projeto piloto foi muito bem recebido", conta Chuck Liptz, responsável pelo projeto.

No Brasil, uma adoção pioneira acontece no Superior Tribunal Federal, em que um terço dos colaboradores já acessam suas estações de trabalho por vias biométricas, incluindo a presidência, diretoria geral, gabinetes dos ministros e a secretaria da informação. A solução escolhida foi a de escaneamento de dedos em conjunto com o eDirectory, ferramenta de diretório da Novell, que automatiza o registro de identidades e controla o acesso de cada pessoa de acordo com sua posição hierárquica.

De acordo com o secretário de informática da instituição, Leonardo Alam da Costa, o sistema ajudou a acabar com o compartilhamento de senhas. "Também não existe mais o perigo de responsabilizar pessoas erradas pelo vazamento de informações", afirma Costa. No STF, há também grande quantidade de processos constitucionais, que percorrem tribunais de menor instância pelos Estados brasileiros, e precisam chegar intactos, com garantia máxima de integridade, para serem avaliados pelos 11 ministros da instituição. "Existem muitas informações restritas, que afetam a vida da população e só podem vir a público no momento certo", diz.

Apesar de recente, a implantação de biometria chamou a atenção. Pessoas de diferentes órgãos já foram ao STF conhecer a aplicação, sinal de que há um interesse pela tecnologia.

Enquanto nas esferas governamentais a biometria pode ser utilizada para verificação de segurança, outros consideram a biométrica mais como um ajuste. O St. Vincent Hospitals e o Health Care Center estão desenvolvendo um sistema de leitura de impressões digitais em suas instalações para atender até 3 mil funcionários e médicos. A implementação está sendo muito bem-sucedida, de acordo com o executivo de segurança de informações, Bruce Peck. Os médicos e funcionários utilizam uma leitora de impressões digitais da AuthenTec e software da SAFlink e da CA para se conectar a PCs, a fim de obter acesso a tudo, desde mensagens de e-mail a registros médicos. Anteriormente, cada aplicativo exigia seu próprio nome de usuário e sua própria senha para fornecer acesso.

Mas nem todo mundo é fã da tecnologia. “Os membros da enfermaria são difíceis, pois eles não gostam de mudanças”, afirma Peck. No hospital, as enfermeiras e os enfermeiros utilizam PCs colocados em carrinhos móveis, que são conectados a uma rede sem fio. Os computadores, que as enfermeiras levam de uma sala para outra, são utilizados para acessar os registros dos pacientes, o que faz com que a maioria dos usuários ainda utilizem senhas para se conectar e desconectar. “Eles acreditam que é mais rápido assim, em vez de usar o scanner de impressões digitais”, comenta. Mas não é. Os scanners de impressões digitais são efetivos em cerca de 80% do tempo, e os problemas são principalmente o resultado de mãos ressecadas.

No entanto, Peck, do St. Vincent, diz que levará tempo antes que a biométrica seja amplamente utilizada, mesmo que ele esteja feliz com sua implementação. “Os custos são simplesmente muito altos para possibilitar a aceitação geral. É preciso gastar 100 dólares apenas para cada dispositivo”, diz.

Disponível em Information Week on-line – acesso em 15/04/2003